

O DIÁLOGO SISTEMATIZADO NA ESCOLA: PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE

TELES, F. A. R.¹

RESUMO

Este artigo enfoca o diálogo sistematizado na escola como perspectiva de formação continuada docente. É resultado de uma oficina realizada na II Jornada Pedagógica da Faculdade Piauiense (FAP)/Universidade Federal do Piauí (UFPI) em Parnaíba-PI em 2006, cujo objetivo foi refletir sobre os diálogos numa caracterização contemporânea dos banquetes socráticos. Sem pretensão dogmática, nosso objetivo é discorrer sobre a prática dialógica sistematizada na escola como processo de formação contínua docente, face aos programas de formação clássica de professores. Para isso, fundamentamo-nos nos diálogos de Sócrates e em estudos Freire e outros pesquisadores. Portanto, a primeira parte deste artigo situa Sócrates em relação ao saber construído pela reflexão crítica; a segunda enfoca a estrutura dos diálogos como ferramenta de formação continuada; a terceira destaca a viabilidade de um Simpósio Socrático como um “banquete” formativo na escola; e, a quarta corresponde às considerações finais. Assim, o diálogo constitui-se uma ferramenta potencializadora da formação continuada na escola, visando o desenvolvimento profissional dos professores.

Palavras-Chave: Escola. Diálogo. Sócrates. Formação Continuada

ABSTRACT

This article focuses on the systematic dialogue in school, as the prospect of continuing education of teachers. The results of a workshop held during the 2nd. Week Pedagogical Faculty Piauiense (FAP) / Federal University of Piauí (UFPI) in Parnaiba-PI (Brazil) in 2006, which sought to reflect a characterization of the parties Contemporary Socratic dialogues formed the basis for this article too. Without pretension dogmatic, our goal is to discuss the process of dialogues of Socrates and Freire among others researchers. So, the first part of this work puts Socrates in relation to the knowledge built by critical reflection, the second focuses on the structure of the dialogue as a tool for continuous education and the third highlights the feasibility of a Socratic Symposium as a training school “banquet” and fourth represents the final considerations. Thus, we found that the dialogue is potentiated, as a tool of continuous education in schools, and aims to plumb the professional development of teachers.

Keywords: School. Dialogue. Sócrates. Continuing Education.

INTRODUÇÃO

O anúncio massificado de que as instituições públicas de ensino formal não dão conta de suas funções educacionais; que os professores não estão preparados para viabilizar uma educação de qualidade; e que o trabalho docente precisa ser repensando para se adequar às exigências da sociedade pós-moderna, imobiliza muitos professores, pais e demais segmentos

¹ Francisco Afranio Rodrigues Teles-FAP/Parnaíba-PI. fabriciaefranio@ig.com.br.

da escola que se veem impossibilitados de ação, gerando uma desesperança na escola pública e na sua missão educacional. Entretanto, essa reação não é um consenso, pois muitos gestores, educadores, pais, além de outros segmentos da escola, têm buscado alternativas para os desafios e dificuldades enfrentados. Além disso, muitos pesquisadores enfatizam a importância da formação contínua e qualitativa, principalmente, do corpo docente como uma das saídas para minimizar a complexa realidade educacional.

Diante disso, este texto faz menção aos “Simpósios” que o filósofo Sócrates participava com seus amigos em Atenas, operacionalizados por meio da maiêutica, ou seja, a arte do diálogo. Menciona, ainda, reflexões sobre a formação dos professores na escola, tendo como característica primeira o trabalho colaborativo na construção e socialização dos conhecimentos. Neste artigo, intitulado “o diálogo sistematizado na escola: perspectiva atual de formação continuada docente”, aventuramo-nos na perspectiva de uma filosofia da educação, refletindo, principalmente, sobre a relevância do diálogo na escola, como centralidade do trabalho pedagógico, por meio de simpósios dialógicos.

SÓCRATES: REFLEXÃO E PARTEJAMENTO DO SABER

O filósofo Sócrates (470-399 a.C), considerado o Pai da Filosofia, notável figura do mundo helênico, viveu há 2.500 anos, mas suas ideias ainda hoje se mantêm atuais e instigantes. Acusado de corromper a juventude e de ateísmo, foi condenado à morte, por envenenamento com cicuta, em meio a uma conversação sobre a imortalidade. Morreu aos 70 anos. Teve uma atuação digna e valente como cidadão e soldado, mas foi, sobretudo, o homem da *àgora*, o homem da rua, da praça, que falava e inquietava toda a Atenas. (CHAUÍ, 2002).

Vale ressaltar que Sócrates foi o primeiro a expressar os princípios e valores mais expressivos do mundo ocidental. Esses podem inspirar e orientar as pessoas no sentido de terem vidas mais plenas e criarem uma sociedade melhor. Entre esses princípios e valores se evidencia o autoconhecimento; o questionamento do “senso comum” para verificar por nós mesmos qual é a verdade; e a liberdade de expressão. (GROSS, 2005).

Mesmo não se considerando professor, Sócrates é um marco na história do pensamento humano, tendo realizado uma verdadeira e autêntica revolução nesse pensamento e procedido à gestação de grandes sistemas filosóficos que iriam irradiar sua luz por séculos adiante. Portanto, Sócrates não era um mestre que ensinava àqueles que nada sabiam. (SOUSA, 2000).

As ideias desse mestre são conhecidas através de Platão (*A Apologia de Sócrates*) e Xenofontes (*As Memoráveis*) e Aristófanes (*Nuvens*), entre outros. Os diálogos que propiciava terminam sem haver encontrado a definição procurada, contudo, são conversas sobre virtudes e valores da cidade. Na maioria dos casos, os diálogos ocorriam com seus amigos. Entre esses diálogos (CHAUÍ, 2002), destacam-se: Laques (o que é a coragem?); Lisis (o que é a amizade?); Cármides (o que é a sabedoria?); Hípias Maior (o que é a beleza?); Primeiro Alcibíades (o que é conduta política?); e, Eutifron (o que é piedade?).

Diante disso, mediante os diálogos Socráticos podemos aprender a fazer as perguntas adequadas, envolvendo as pessoas no diálogo crítico-reflexivo e possibilitando um pensar e um agir criativo, além disso, o aprender a trabalhar conjuntamente. Aprender com os outros é uma necessidade vital para existência da humanidade, porque precisamos uns dos outros para enxergar com clareza e para expressar nossas ideias, justificá-las e ouvir a reação dos pares por meio da linguagem.

Nesse sentido, a maiêutica socrática não se constitui um discurso pomposo e dogmático, mas sim um diálogo (dia = através; logos = palavra). Nos diálogos não age como um professor que comunica algo a um aluno. Professor e aluno são consciências que conjuntamente procuram algo e que se procuram. Nessa compreensão, Aristóteles afirmou que Sócrates interrogava, mas não respondia, pois considerava que todo conhecimento estava no interior do homem, e vem à tona pela parturição (SOUSA, 2000). Por isso, o método de Sócrates, estrutura-se (GROSS, 2005) a partir dessas etapas: escolha de uma afirmação amplamente considerada óbvia ou inquestionável; tratamento da afirmação como se fosse falsa, procurando situações nas quais ela não se verificaria verdadeira; ao encontrar tais exceções, identificar que a afirmação é inadequada; a afirmação original deve ser alterada para comportar as exceções; e, dá prosseguimento ao processo, buscando outras situações ou outras formas que contribuam para esclarecer uma opinião ou conceito.

Esses diálogos se estruturam em duas partes: na primeira, chamada de *protréptico*, isto é, exortação, convite a filosofar. Um processo inicial de busca da “verdade”, pois o verdadeiro e o falso estão presentes no interior do homem. A segunda chama-se *élenkhos*, isto é, indagação, fazem-se perguntas comentando as respostas e voltando a perguntar; nesse caso Sócrates caminhava com o interlocutor para encontrar a definição da coisa procurada. (CHAUÍ, 2002). É importante ressaltar que, antes dos diálogos, estabelecem-se regras consensuais, rejeitando-se os apelos sensíveis (sedução da retórica) e os discursos longos (VALLE, 2002). Esses diálogos são entrecortados de perguntas e respostas, visando trazer à tona, pelas perguntas bem objetivadas, conhecimentos latentes; de modo que, por meio de um

questionamento adequado, compreendemos que todo conhecimento é apenas temporário e incompleto. (HOFFMAN, 2003). Mas, como perguntar? Qual o sentido disso?

Segundo Gross (2005, p. 74): “Sócrates usava as grandes perguntas como pedra de toque do seu ‘método’, uma poderosa estratégia intelectual que veio a ser descoberta por portadores da chama a cada geração”. Portanto, a seleção e o uso de perguntas é fundamental, pois, segundo Gross (2005), as perguntas podem ser: abertas, diagnósticas, para obter informações, Desafiadoras (para testar), ação, prognóstico, hipotéticas e de generalização.

As perguntas direcionam o foco das pessoas. Refletindo a esse respeito, Hoffman pondera:

[...] antes, porém, de essa arte ser posta em prática, ela deve ser parte da atitude interna do perguntador, como um pré-requisito necessário para o sucesso de cada diálogo – seja ele consigo próprio, com amigos e colegas, clientes ou em uma discussão aberta na posição de moderador. (2003, p. 54).

Nesse contexto, a título de ilustração, registramos um diálogo abordando a temática amor, conforme modelo, elaborado por Teles (2000, p. 31-32):

- Você acabou de falar de amor. O que entende por amor?
- Amor é querer bem a outra pessoa.
- O que entende por querer bem?
- É desejar tudo de bom para ela.
- Este termo bom significa o que você considera bom para outra pessoa ou o que esta, independente de você, considera bom para ela?
- Certamente, o que a outra considera.
- Se esta considerasse como bem ou como bom aquilo que você possui, sua namorada, suas jóias, etc., você cederia estes bens para ela?
- Certamente que não.
- Então, surge uma contradição e você teria que dizer: “amar é querer o bem que eu considero como tal para a pessoa amada.

Podemos verificar na exemplificação acima, o diálogo é uma ferramenta potencializadora de condições necessárias a mudanças mentais e atitudinais, quem sabe, propicia, também, transformações sociais, culturais e políticas. Nesse contexto, a escola emerge como uma das instituições sociais que mais precisa vivenciar o diálogo, sobretudo, com o coletivo dos profissionais da própria escola e no contexto do processo de ensino e de aprendizagem, por meio de uma prática crítico-reflexiva, como se confirma na percepção de Cowan (2002, p. 80): “[...] o formato do diálogo nos encoraja amplamente à reflexão-na-ação a respeito da consistência de nosso pensamento”. Portanto, na seção a seguir, discutiremos o diálogo no contexto escolar e suas contribuições para a formação dos professores.

O DIÁLOGO COMO FERRAMENTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA

A escola é espaço que tem por finalidade a (re)criação, a socialização e a crítica do conhecimento e da informação. É nesse espaço educativo, que também se oportuniza aos sujeitos revitalizarem sua formação continuada, cujo *locus* é a própria escola (NÓVOA, 1995). Essa alternativa de formação, em face aos tipos de formações clássicas que têm sido oferecidas aos docentes, ou seja, formações propiciadas pelo paradigma universitário, favorece o deslocamento da formação desse âmbito para o espaço educativo real e desafiador da escola. Entretanto, não se alcança esse objetivo de forma espontânea, pois o simples fato de estar na escola não garante as condições mobilizadoras de um processo formativo. Nesse sentido, a efetivação de uma prática pedagógica crítico-reflexiva, pautada em um trabalho colaborativo na escola, capaz de identificar os problemas e de minimizá-los ou resolvê-los é indispensável.

Um dos caminhos viáveis para minimizar os desafios e ameaças do trabalho docente é adotar o exercício do diálogo enquanto uma prática condensada de reflexão. No entanto, muitos professores não aceitam essa sistematização, pois veem no diálogo uma perda de tempo. (FREIRE, 1985).

Neste contexto, os diálogos socráticos nos propiciam um modelo de formação, cuja criatividade, conhecimentos e tecnologias de nosso tempo podem e devem ser aproveitadas nessa empreitada. Dessa forma, a formação por meio de simpósios na escola constitui-se uma prática possível, visto que a tarefa de dialogar exige dos professores um posicionamento que favoreça essa possibilidade, considerando-se que o contexto em que vivemos está marcado por mudanças rápidas que nos impele a agir, sob pena de ficarmos amarrados a práticas educacionais que não acompanham o movimento natural da vida.

Diante da complexidade da formação continuada, sobretudo, na escola, o diálogo estruturado possibilita mudanças na educação, a partir da soma de esforços, da troca de experiências, na resolução de problemas e projeto educacionais, em que os sujeitos do cotidiano escolar sintam e queiram fazer parte deste trabalho árduo. Assim, somos intimados a assumir atitudes pedagógicas que favoreçam a reflexão crítica e dialógica, por meio da participação colaborativa na escola. Nessa perspectiva, ressalta Mühl e Esquinsani (2004, p. 7):

Como princípio pedagógico, o diálogo tem sido destacado como um importante recurso de transformação da educação, tanto no contexto escolar como nos mais diferentes movimentos sociais; é um importante meio de que a humanidade dispõe para promover uma interação criativa entre os diferentes personagens da vida cotidiana.

Neste esforço coletivo, deve-se ressaltar que não é só mediante estudos no âmbito universitário, ou seja, por meio de pesquisas de laboratório ou em grupos acadêmicos restritos,

que se garante a construção conhecimentos científicos. Em outros espaços e com a participação docente, podemos fazer estudos rigorosos e sérios. Portanto, faz sentido envolver-se na tarefa de criar coletivamente, superando a tentação de estar sempre só. Essa atitude intelectual é salutar, a exemplo do diálogo entre Freire e Faundez, quando salientam que:

Concordo com você nesta análise, sobretudo no que você verifica a respeito da ruptura da acomodação intelectual, ou seja, esta tentativa de fazer com que o trabalho intelectual seja um trabalho coletivo. E, sem dúvida, o método que mais se presta a esse tipo de tentativa é o diálogo (FREIRE, 1985, p. 11).

Ressaltamos, ainda, que diálogo é uma ação que fortalece e fomenta habilidades de escuta, atenção e respeito ao ser humano, bem como um ato de sensibilidade para com o outro, aprendiz, mas também, portador de conhecimentos. (FREIRE, 1996). Essa relação possibilita, ainda, mudanças pessoais, além de transformações institucionais, metodológicas e conceituais. Assim, o desafio para escola, hoje, é a análise crítica dos conceitos e das construções de práticas reflexivas e dialógicas dos professores, mediante prática colaborativa, focalizando-se na sistematização de práticas pedagógicas crítico-reflexivas, sobretudo, verificando se os princípios, os conceitos e ideais são entendidos e expressados pelos profissionais no contexto do trabalho desenvolvido.

Assim, os modelos de simpósios somados à sistematização dialógica constituem-se uma oportunidade que a escola pode se inspirar e, nessa inspiração criativa, mobilize projetos de formação continuada docente, numa perspectiva de emancipação intelectual e de práticas pedagógicas crítico-reflexivas. Dessa forma, é fundamental que a escola se reconheça com essa potencialidade, sobretudo, que se convença que o trabalho do professor é marcado pela mudança, por isso, vale a pena ter uma postura dialogante, curiosa, aberta e não passiva ou rotineira na profissionalidade. Para isso, mergulharemos no esclarecimento do que é e como construir um Simpósio Socrático na escola.

SIMPÓSIO SOCRÁTICO: UM “BANQUETE” FORMATIVO NA ESCOLA

Na Grécia antiga, um simpósio ou banquete não era uma palestra. Constituíam-se um jantar íntimo, cujos convidados poderiam desfrutar de diferentes maneiras de entretenimento, de modo que os diálogos com Sócrates eram o ápice desse momento, conforme aborda Gross (2005). Aborda, ainda, que podemos seguir os passos do mestre, transformando qualquer ocasião em um simpósio. Por isso, a escola pode utilizar-se dessa proposta para viabilizar a troca de experiência, a formação em serviço, sistematizando sua própria experiência dialógica.

Nesse sentido, é necessária uma prática pedagógica reflexiva, capaz de identificar os problemas e de resolvê-los. Além disso, ela deve ser pautada em um trabalho colaborativo na escola. Mas, que potencialidades formadoras podem conter um projeto de escola? Como a formação na escola pode intervir na promoção e desenvolvimento de práticas renovadoras? Que mudanças é preciso introduzir nas escolas para que elas se assumam como lugares de formação? Como o modelo dos simpósios socráticos pode contribuir no processo de formação continuada dos professores?

Oportunizar uma formação continuada na escola constitui-se em trabalhar com o corpo docente, favorecendo processos coletivos de reflexão e intervenção na prática pedagógica concreta, mediante espaços e tempos institucionalizados nesta perspectiva formadora, tendo como referência fundamental, os saberes experienciais e pedagógicos docentes. (MIZUKAMI, 1996).

Nesse contexto, os sujeitos são muitos, entre eles, os professores (profissionais e pessoas) que têm em suas mãos as possibilidades de mobilizar diversos conhecimentos, viabilizado pelo processo dialógico, através de rupturas dos conflitos e complexidades. No entanto, muitos estudantes e, também, muitos professores não aceitam e estão acostumados com a ideia de que os professores detêm o saber. Os professores são os sábios e o diálogo é perda de tempo, é fraqueza do professor, porém é o contrário, quem julga deter o conhecimento é intolerante. (FREIRE, 1985).

Na verdade, a socialização mútua da própria ação se dá pela prática do diálogo. Neste contexto, o diálogo socrático nos propicia uma ação educativa ousada, pois ao “ensinar”, o filósofo Sócrates assumia a posição dialógica, pois discutia, fazia questionamentos como se não soubesse de coisa alguma, porém, durante as reflexões, identificava os pontos fracos das ideias do interlocutor e, dessa forma, levava-o a reconhecer que precisava redefinir seus paradigmas.

Acreditamos que a cultura do diálogo seja um dos caminhos, um processo efetivo, de libertação pessoal e de mudanças sócio-culturais, a exemplo dos simpósios socráticos, festas para se pensar colaborativamente. Nessa perspectiva, a escola pode organizar, democraticamente, simpósios de formação, a exemplo do quadro a seguir:

ORGANIZANDO UM SIMPÓSIO NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA	
ANTES	<ul style="list-style-type: none"> • Definir assunto específico ou tema geral, local, data e horário; • Como vai ser o ambiente? Como incrementá-lo? • Organizar material de referência para a temática em foco.
DURANTE	<ul style="list-style-type: none"> • Levantamento do Problema: temática prévia a ser discutida; • Objetivos a serem alcançados; • Divisão de tarefas (moderador/a, relator/a, etc.) • Estudo do material de referência (teoria); • Definir as regras dos diálogos; • Realizar o diálogo. • Síntese feita pelo/a relator/a do trabalho realizado; • Refletir sobre as discussões dialógicas • Tomadas de atitudes diante da problemática: O que fazer? Por quê? Como? Quando? Onde? Com quem? Quem assume? Com que recursos?
DEPOIS	<ul style="list-style-type: none"> • Executar e avaliar o que foi planejado

Fonte: Vivência de um Simpósio durante a Oficina propiciada na II Jornada Pedagógica da FAP e UFPI, em Parnaíba, em 2006.

A formação por meio de simpósios na escola constitui-se uma prática possível, visto que a tarefa de dialogar exige dos professores um posicionamento que favoreça essa possibilidade, considerando-se que o contexto em que vivemos está marcado por transformações rápidas e efêmeras. Assim, somos intimados a assumir atitudes pedagógicas que favoreçam a reflexão crítica e dialógica, através da participação colaborativa na escola.

(IN)CONCLUSÃO

A estruturação do diálogo possibilita a transformação da educação, a partir da soma de esforços dos sujeitos do cotidiano escolar. Nessa perspectiva, ressalta Mühl e Esquinsani (2004, p. 7):

Como princípio pedagógico, o diálogo tem sido destacado como um importante recurso de transformação da educação, tanto no contexto escolar como nos mais diferentes movimentos sociais; é um importante meio de que a humanidade dispõe para promover uma interação criativa entre os diferentes personagens da vida cotidiana.

Nessa perspectiva, os simpósios somados a essa possibilidade dialógica constituem-se na oportunidade que a escola pode aproveitar para mobilizar projetos de formação docente, numa perspectiva de emancipação intelectual. Portanto, o diálogo é uma ação que fortalece e viabiliza habilidades aos seus apreciadores, bem como um ato de sensibilidade para com o outro, aprendiz, mas também portador de conhecimentos. Essa relação possibilita, ainda, mudanças pessoais, além de transformações institucionais, metodológicas e conceituais.

O diálogo é ponto-chave para a formação docente, constituindo-se uma ferramenta potencializadora de reflexão sistemática das concepções dos professores, pois o caminho para interação se dá por este processo freireano de entendimento humano, ao mesmo tempo em que se escuta e fala se aprende e se ensina. Isso implica abertura para a valorização das experiências e opiniões dos pares, mediante clima de aceitação e discussão da novidade, do diferente, da pluralidade, e também do posicionamento crítico viabilizando a construção de uma prática educacional crítico-reflexiva.

Assim, as reflexões e sugestões que fizemos neste texto, não se constituem algo fechado, já que estamos no início de um processo reflexivo que almeja de forma interessada conhecer mais sobre as possibilidades e impossibilidades que a prática dialógica de Sócrates, somada aos estudos de pesquisadores mais recentes, a exemplo de Paulo Freire, podem oferecer para viabilizar uma prática formativa de professores na escola, a partir de seus conhecimentos e experiências internalizadas e vivenciadas no cotidiano escolar.

Em relação a essa fase imprecisa, dialogamos, abaixo, com nosso pensamento em ação:

- Que perguntas posso fazer para vislumbrar a formação contínua docente na escola?
- Talvez, você pudesse começar, perguntando: até que ponto um simpósio socrático na escola propicia uma prática de emancipação intelectual?
 - Mas, o que entendo por emancipação intelectual?
 - Seria reconhecer-se enquanto potencialidade do “pensar bem?” “Ou seria não se julgar mais inteligente dos que os outros? Ou ambas as possibilidades?
 - E que penso sobre o que é “pensar bem?” A que fins leva o “pensar bem?”
- Para “pensar bem” necessito dos outros?

- Mas quem seria esses outros? Os leitores? Quem mais?
- Parece que não tenho todas as respostas. Quem sabe não estarei fazendo as perguntas inadequadas nesta reflexão? Quais seriam as perguntas certas?
- Só sei que não tenho, agora, todas as respostas e nem certeza das perguntas certas a serem externadas, razão para que me proponho a pensar colaborativamente neste texto.
- Quem realmente pode e quer pensar dialogicamente comigo?

REFERÊNCIAS

- COWAN, Jonh. **Como ser um professor universitário inovador**: reflexão na ação. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. v. 1.
- FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- GROSS, Ronald. **À maneira de Sócrates**: sete segredos para utilizar ao máximo sua mente. Rio de Janeiro: Best Seller, 2005.
- HOFFMAN, Kay. **As dores de amor de Sócrates**: filosofia prática para o dia-a-dia. São Paulo: Madras, 2003.
- MIZUKAMI, Maria da Graça N. (Orgs.). **Formação de professores**: tendências atuais. São Carlos: EDUFScar, 1996.
- MÜHL, Eldon Henrique; ESQUINSANI, Valdecir Antonio (orgs.). **O diálogo ressignificando o cotidiano escolar**. Passo Fundo: UFP, 2004.
- NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- SOUSA, Mauro Araújo de (Coord.). **Apologia de Sócrates Banquete**: Platão. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- TELES, Antônio Xavier. **Introdução ao estudo de filosofia**. 34. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- VALLE, Lília do. **Os enigmas da educação**: a Paidéia democrática entre Platão e Castoriadis. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.